

As fotografias de Cássio Vasconcellos parecem mostrar uma São Paulo que não existe. Difícil reconhecer a cidade nessas imagens em que velhos tapumes e viadutos, fachadas descascadas e detritos parecem saídos de outro tempo, contrapostos à cidade atual. Edificações modernas, desertificadas, banhadas por uma luz oblíqua, criam um universo intensamente plástico, estranhamente cenográfico. Elementos urbanos que parecem abandonados, sem função evidente, para sempre inacabados. Estruturas aparentemente gigantescas, emergindo da noite, tomam conta da paisagem urbana, o restante caindo na penumbra, na mais completa entropia.

A globalização uniformizou as cidades no mesmo universo genérico dos shopping centers, edifícios corporativos e moradias anódinas. As mesmas fachadas envidraçadas, as mesmas torres elétricas e pontes. Mas Cássio Vasconcellos faz aflorar um estranhamento desses elementos do cotidiano. Ele retira as coisas do tempo e do lugar: tudo parece em suspensão. Um deslocamento que permite articulá-las em outras constelações.

O fotógrafo restitui um vigor que as coisas pareciam ter perdido ao mergulharem em definitivo no reino do descartável. Fazendo aflorar o mistério que se aninha nos detalhes, nos fragmentos, no abandonado. Ele opera nos interstícios do continuum pasteurizado da paisagem urbana atual. Onde se abre a possibilidade de novas configurações e novos significados.

Foi Walter Benjamin quem primeiro percebeu a extraordinária capacidade que têm as cidades de se transfigurar. Quando, no século XIX, foram construídas as primeiras galerias – as passagens parisienses com coberturas de vidro e iluminação a gás – a rua se tornou morada para o observador das mutações que ocorrem na grande cidade. Sob a bruxuleante luz a gás, as vitrines se convertiam em cenários de mundos maravilhosos, os passantes surgiam como potenciais personagens de histórias misteriosas, e a mais comum das praças podia se transformar numa pradaria repleta de moicanos selvagens.

Pois nosso fotógrafo percorre as ruas de São Paulo como um poeta baudelairiano, sensível às configurações inéditas que podem emergir dos encontros de tapumes, estátuas e fachadas envelhecidas com pontes de alumínio e prédios envidraçados. Atento às inesperadas afinidades que esses elementos tão díspares podem estabelecer entre si.

A operação é sempre baseada no deslocamento. Elementos arquitetônicos inusitados, em geral aparentemente pertencentes a outro tempo e lugar, aparecem em primeiro plano, questionando toda percepção imediata. A cobertura curva de um edifício, partes de um viaduto ou a trama metálica de uma torre invadem abruptamente o quadro, introduzindo um elemento de ruptura, quase inquietação, na paisagem.

Não há uma narrativa que sirva de fio condutor. Nada que nos auxilie a localizar esses lugares no espaço e no tempo. Placas de sinalização surgem presas em tapumes, painéis publicitários são vistos por trás, estátuas de heróicos cavaleiros surgem metamorfoseadas em retirantes que parecem chegar de madrugada à cidade. Todos esses elementos urbanos são recompostos, em fragmentos, para contarem uma outra história, possível, imaginária.

Esses lugares estão, em geral, vazios. O silêncio só enfatiza o mistério que transpira das cenas. Nem a natureza, que aqui surge como mais um véu obstruindo a visão, escapa deste dispositivo ao mesmo tempo cromático e opaco. Emergindo do nada, monumentais, essas estruturas parecem ter permanecido para testemunhar sobre a cidade num futuro remoto. Parecem feitas de pedra.

Nessas imagens a modernidade parece aliar-se à antigüidade. São Paulo é uma cidade em que os sucessivos ciclos de renovação urbana e imobiliária destruíram sistematicamente os traços do passado, os lugares da história e os monumentos arquitetônicos. É uma cidade que se ergue insistentemente sobre sua própria ruína.

Tal como as gravuras que fez Meryon de Paris, essas fotografias captam a fragilidade da cidade, tudo aquilo que parece na iminência de desaparecer. Uma paisagem à beira da catástrofe – cenário ainda mais atual, tendo em vista as crises financeiras que ameaçam o país. Imagens que transmitem a sensação de ver o que em breve não teremos mais diante de nós. Cássio Vasconcellos faz brotar a imagem antiga da cidade, daquilo que permanecerá depois de tudo ter sido convertido num campo de ruínas, sem tocar em nada do que tem de mais moderno.

Atentem para o inusitado desta cena: em plena São Paulo do século XXI – megacidade caótica, desfigurada, assolada pela crise social e pela violência –, alguém vagando à noite por ruas desertas e terrenos baldios, com um holofote, cuja bateria vem num carrinho de feira. O personagem já expressa tudo o que, a princípio, teria de quixotesco nessa empreitada. Tudo parece conspirar para que seja uma aventura malograda.

Não é mais possível ver no mundo contemporâneo. O que está em jogo aqui são os limites da figuração, a incapacidade da mente humana em representar as enormes forças da metrópole. Uma organização da produção e do espaço, uma rede de poder e controle que são de difícil compreensão por nossa imaginação. Não temos ainda o equipamento perceptivo necessário para enfrentar essas novas configurações criadas pela globalização.

Estes espaços urbanos desconcertantes tornam impossível, diz Fredric Jameson, o uso da antiga linguagem dos volumes, já que não podem ser apreendidos. A mutação provocada pela cidade global ultrapassou a capacidade do corpo humano de se localizar, de organizar perceptivamente o espaço circundante e mapear cognitivamente sua posição no mundo. Uma situação em que a experiência da cidade transcende todos os velhos hábitos de percepção corporal. Uma disjunção entre o corpo e o ambiente urbano que indica nossa incapacidade de compreender os processos complexos de reestruturação da metrópole contemporânea, de mapear a enorme rede global de produção e comunicação em que estamos presos como indivíduos.

Todas as tentativas de mapear a cidade através da experiência da rua – a deriva benjaminiana ou os planos afetivos dos situacionistas – implicavam a expectativa de uma renovação da percepção. Mas, no universo totalmente construído e elaborado do capitalismo tardio, não há lugar para essa renovação. Se, na cidade tradicional, a experiência limitada e imediata dos indivíduos era ainda capaz de abranger a forma social e econômica que a regula, hoje isso não ocorre mais.

A legibilidade da paisagem das cidades era relacionada à imaginabilidade, à capacidade de evocar uma imagem forte no observador. Pressupunha referências visuais, um domínio sensorial do espaço por meio da experiência e da observação ocular. Mas a configuração atual impede o mapeamento mental das paisagens urbanas. As cidades não permitem mais que as pessoas tenham, em sua imaginação, uma localização correta e contínua com relação ao resto do tecido urbano. A experiência fenomenológica do sujeito individual não coincide mais com o lugar onde ela se dá. Essas coordenadas estruturais não são mais acessíveis à experiência imediata do vivido e, em geral, nem conceituadas pelas pessoas.

Dá-se um colapso da experiência. Hoje se têm sujeitos individuais inseridos em um conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas. Um espaço abstrato,

homogêneo e fragmentário. O espaço urbano perdeu situabilidade – uma inscrição precisa em dimensões geográficas, acessíveis à experiência individual.

Torna-se impossível representar. Aquilo que a imagem fotográfica, por mais abrangente que seja, não dá conta. O espaço hoje é sobrecarregado por dimensões mais abstratas. O problema da percepção, do posicionamento do indivíduo neste sistema global complexo, é também de representabilidade: embora afetados no cotidiano pelos espaços das corporações, não temos como modelá-los mentalmente, ainda que de forma abstrata. Ocorre uma ruptura radical entre a experiência cotidiana e esses espaços abstratos.

Essas novas configurações demandam, então, uma abordagem que revele o próprio fracasso representacional, os limites dos dispositivos tradicionais de localização. Elas requerem um jogo entre a presença e a ausência, a fim de transmitir algo do sentido de que essas novas e enormes realidades globais são inacessíveis a qualquer sujeito individual. Realidades fundamentais irrepresentáveis, que não podem surgir imediatamente diante da percepção.

A megacidade é um território onde toda lógica foi aparentemente suspensa. As paisagens indiferenciadas da entropia demandam evitar qualquer parâmetro visual ou estrutural de orientação espacial ou temporal. A fotografia aqui interessa não apenas por sua capacidade documental, mas principalmente por seu potencial de montagem e associação.

O que salva então a aventura solitária deste fotógrafo? Cássio Vasconcellos não pretende mostrar onde estão as coisas, mapear. A luz intensa que joga sobre as coisas, na verdade, cega. Ela lhe permite andar pela cidade como se estivesse de olhos bem fechados. Sua empresa é essencialmente tátil. É o que lhe possibilita descobrir a presença, palpável, de tudo aquilo que, a princípio, não se pode ver.

Os percursos noturnos pela cidade foram iniciados em 1988, mas intensificados entre 1998 e 2002. O trabalho foi realizado com uma câmera Polaroid SX-70, automática. Não se utilizou, propositadamente, qualquer recurso técnico. As tomadas foram feitas às vezes com lanterna ou holofote, com filtro colorido. Os originais foram então scaneados e impressos em jato de tinta, em tamanho 30 cm x 30 cm.

Não por acaso as cópias são feitas em papel poroso, como se fossem gravuras. A imagem polaroid faz com que a cidade, mergulhada na penumbra, emerja fulgurante. Mas a extraordinária plasticidade das paisagens urbanas, intensamente coloridas, é contrabalançada pela textura proporcionada pela impressão em papel. Ela atribui materialidade e permanência a todas essas coisas aparentemente etéreas e fugazes. O fotógrafo vai arranhando, como que com um buril, as entranhas mais ocultas da metrópole.

Nelson Brissac
Filósofo e organizador do projeto Arte/Cidade